





ENCADERNAÇÃO  
VALLELE  
JOSÉ LINO  
MARTINS & C.  
R. CARMO 63  
TEL. 23.412  
RIO







SALDUNES, ACÇÃO LEGENDARIA EM 3  
EPISODIOS, POR COELHO NETTO, COM  
MUSICA DE LEOPOLDO MIGUÉZ



LISBOA. TAVARES CARDOSO & IRMÃO,  
EDITORES. ANNO DE MDCCEC



Saldunes



COELHO NETTO

---

# Saldunes

ACÇÃO LEGENDARIA EM 3 EPISODIOS

---

Musica de *LEOPOLDO MIGUÉZ*



LISBOA

---

Tavares Cardoso & Irmão, editores  
Largo de Camões, 5

---

MDCCC



DEDICATORIA

A

RODRIGUES BARBOSA

E

LUIZ DE CASTRO

Os infatigáveis propagandistas  
do «Drama Lyrico» no Brasil

*Dedico, de coração, este escorço*

*Coelho Netto.*

1898  
30 de Julho

RIO DE JANEIRO



## ESCUDO

---

Eu costumo subir ao Parnaso, quando o Ideal me reclama, vestindo a penula modesta, como simples prosador que sou; quiz, porem, não por vaidade, se não por amor da Arte excelsa, traçar o pallium magnifico dos rimadores e, mal ajustado, accusando o meu desajeitamento em trazel-o, elle reveste-me o corpo não encobrimdo de todo o grosseiro trajo de prosador, que é o meu. Penetro o templo de Musagete como supplicante, não como sacerdote, pedindo-lhe que me auxilie na campanha, em que ando tambem empenhado, da creação do «Drama Lyrico» no Brasil. Relevai-me, pois, a audacia e não tomeis como atrevimento insolito o que é simplesmente fervoroso enthusiasmo.



Dou a claridade do pleno dia ao primeiro episodio porque, abrindo elle em paz feliz corre violentamente para o epico. O segundo, consagrado ao mysterio e ao amor, deriva á noite, ao triste luar, n'um bosque sacro. O terceiro, finalmente, a catastrophe, a morte, que é o começo do renascimento, desenvolve-se n'um diluculo ennevoado.

Dadas estas ligeiras e necessarias explicações peçovos, poetas, que não me desnudeis com furia vendo no supplicante um vaidoso Marsyas. Não venho ostentar louçainhas para pretender, enfatuadamente, um logar na vossa theoria; venho cumprir uma missão sagrada e nem ousei completar a investidura com a corôa de carvalho da vossa heraldica: trago apenas o pallium. Sêde generosos permitindo-me a passagem para que eu chegue, com o meu voto, ao glorioso altar de Apollo.



## SOBRE O RYTHMO

---

Sendo o rythmo a cadencia gradativa da intensidade sentimental deve ser a justa medida da exposição poetica. N'uma composição correntia, feita sobre um sentimento unico, comprehende-se que o poeta tome um determinado metro e cinja-se á sua regra, dado, porem, o facto de surgirem varias paixões em lucta no mesmo campo esthetico e tendo essas paixões, ora o assomo da colera, ora a meiguice da queixa, entrando n'ellas, promiscuamente, entrelaçadamente: amor, ciume, patriotismo, ternura é natural a repentina e imprevista mudança do rythmo caindo subitamente a metrica do altiloco alexandrino na redondilha singela ou apparecendo, na mesma estrophe, um verso de seis syllabas ao lado de um heroico pujante. O grito é monossyllabico, o delirio é facundo.

Não ha em todo este trabalho um metro determinado: elle varia com as intercadencias da acção e do momento.



## GERMEN

---

Foi n'uma simples e curta indicação de Eugene Sue, em «LES MYSTÈRES DU PEUPLE» que encontrei a semente d'esta obra. Outro que se tivesse incumbido de cultivar tão precioso germen certamente teria hoje uma arvore frondosa e carregada de flôres, eu pude apenas fazer germinar um arbusto sem viço sobre o qual vai um artista potente por a cantar todo o aviario do seu genio. Felizmente serão as aves tantas e tão deliciosas que a planta desaparecerá de todo aos olhos do mundo, e será fortuna para a miseranda.

SALDUNES, aquelles que, entre os gaulizes, faziam juramento de eterna amizade seguindo para a peleja unidos por uma corrente porque nem a Morte os devia separar — eis a semente; o drama que decorre d'essa idéa é o arbusto.

COELHO NEIRO.



## PERSONAGENS

---

**JULYAN E ARMEL**, saldunes. Jovens e fortes, d'uma belleza viril. Olhos azúes: profundos e duros os de Armel; humidos e meigos os de Julyan. Cabellos em bucos louros, a tez com um leve tom d'ouro como se um pouco de sol dos campos livres n'ella houvesse ficado indelevelmente.

A voz de Armel atrôa em contraste com a de Julyan que é meiga.

**JOEL**, brenn da tribu de Carnac; veneravel na ancianidade de patriarcha. Olhos ainda vivos e agúdos, o porte altivo, a voz tremula mas dominadora, o gesto sóbrio e imponente. Os fartos bigodes, brancos e compridos, escorrem-lhe, como dois flocos de neve, pelos cantos da bocca severa.



MIKAEL, moço do monte. D'uma belleza selvagem; é impetuoso e bravio como os ursos do seu pago alcandorado. O seu puiso, exercitado em duellos com os belluinos, é formidavel, o seu olhar flammeja, a sua voz retumba.

KIRIO, jovem carreiro, tão louro como os trigos madúros por entre os quaes, cantando, do romper d'alva ao crepusculo, guia os seus bois pacificos.

UM VELHO DRUIDA.

UM MANCEBO.

HÊNA, filha de Joel e de Margarida. É como um lyrio desabrochado n'agua fina, tranquilla e limpida d'um lago, á sombra fria e silente d'um bosque. Loura e branca, olhos azues, serenos, a bocca pequena e de rosa, abotoada no silencio pudico ou entreaberta exhalando meiguice. As dezoito primaveras, que a vestem de seducção, dão-lhe ao collo a graça ondulante da puberdade e poem-lhe nas pupillas as primeiras scentelhas do amor. As harpas calmas das sacerdotisas afinam-se pela sua voz.

MARGARIDA, esposa de Joel. Velha e céga,

mais alquebrada pelo soffrimento do que pelos annos pesados que lhe nevaram a cabeça. Tem o gesto tremulo e vago de quem anda sempre a tactear na sombra; as suas palavras soturnas fazem pensar nas vozes oraculares das PYTHIAS das cavernas. Magra, esquelética, em ancia constante, como um prisioneiro que busca o caminho da evasão e só encontra os muros frios e fortes do carcere, ouve os que falam na claridade e responde da tréva como quem conversa de longe, através as grades de uma prisão, com os livres.

HENÔRA }  
MÉROE } donzellas.  
SIOMÁRA }  
UMA VIRGEM.

DRUIDAS, EWHAG'HS, BARDOS,  
GUERREIROS, DRUIDIZAS, RUSTICOS,  
CREANÇAS

*Na Gallia Bretã,  
durante a invasão de Cesar*







## SCENARIO

---

Interior gaulez.

Sala vasta com duas largas portas ao fundo abrindo para o viçoso trigal. Nos muros fortes panoplias reluzentes e ramos de carvalho; a um canto, junto de uma ucha, instrumentos de lavoura.

O sol da manhã penetra illuminando as vigas robustas que sustentam o tecto tismado pelo fumo. Portas lateraes.



## SCENA I

JOEL, SIOMARA, HENÔRA, MÉROE

*Sentado á porta, aquecendo-se a um raio de sol, JOEL escuta embevecidamente o canto dos rusticos, ao longe, e, em seguida, voltando-se para o interior, delicia-se com a Canção Vernal entoada pelas donzellas que fiam.*

### CANÇÃO VERNAL

Foge, levando os mádidos sudarios,  
O frio inverno livido.  
Já pelos montes solitarios  
O sol splende vivido.  
No lar revive a lampada mortiça,  
Papeia o ninho, enflora-se a ramada  
E a andorinha emigrada  
Torna de longe e nos telhados trissa.  
O rouxinol succede á cotovia,



Sôam nos cerros frautas de pastores;  
 E onde outr'ora a geleira apparecia  
 Ora apparecem flores.  
 Já se não teme a *korrigan*  
 Nem a nevasca que regêla:  
 O sol esplende de manhã  
 Mal morre a estrella.  
 Os ursos da montanha albina  
 Não vêm fremir junto aos casaes;  
 E no arvorêdo a carambina  
 Não se vê mais.  
 Oh! quem nós déra  
 Uma perenne primavéra!

JOEL, *que se tem levantado,*  
*encaminhando-se para o grupo das donzellas:*

Outros bens não dissestes que derrama  
 A primavéra remuneradora:  
 Não só renova o campo como enflora  
 E veste a selva de vírente rama.

Reaccende no peito a extincta chamma  
 E os corações exhaustos revigora.  
 Vede, filhas, Joel, tremulo, agora  
 Como ao calor primaveril se inflamma.

Como as neves altissimas dos montes  
 Ao renascer do sol vão defluindo  
 Assim, creanças, pelas velhas fronte

Desce a tristeza quando o sol vem vindo  
 Illuminando os tristes horizontes  
 Da velhice o dolente inverno infindo.

*Levanta-se grande clamor fóra. As donzel-  
 las, alvoroçadas, suspendem o trabalho.*

JOEL *estaca em meio da scena*

MIKAEL, *fóra:*

Por Hesús! Por Hesús! ao vosso parr! á guerra!  
 Coalha a montanha e o val, coalha a campina e assoma  
 Sobre o viso da serra a gentalha de Roma  
 Assolando, alhanando, escravizando a terra.

## SCENA II

OS MESMOS, MIKAEL E RUSTICOS

*A scena é invadida pela turba a cuja frente  
 MIKAEL, com o malag em punho, o cabelo*



*revolto, os olhos flammejantes, n'um enthusiasmo ardente e, por vezes, com ódio, parece o proprio Espírito da guerra annunciando aos heróes o momento glorioso do combate. As donzellas, retrahidas, pallidas, ouvem-n'o com assombro. JOEL fita-o sobreanceiro.*

MIKAEL, *com arrogancia, entre os rusticos:*

Joel, brenn de Carnac, presta attenção e escuta:  
Has de ouvir o estridor formidavel da lucta;  
Trôa a buzina rouca e travam-se combates:  
É Roma que ensanguenta a terra de TEUTATES!

### OS RUSTICOS

Her! Her! pela guerra!

### MIKAEL

Lavra o incendio voraz... todo campo de trigo  
Freme, crepita, estala, inflamma-se em fogueira.  
Torce a vara ao vinhal, cresta a folha á oliveira  
A chamma que precede o exercito inimigo!

### AS DONZELLAS, *aterradas:*

Hesús!

### MIKAEL

O gado abala e busca o socavão da serra,  
Foge a familia ao lar, deixa o campo o ceifeiro;  
Ouve-se em toda a parte o rebramar da guerra  
E o armistrondo fatal do bellicoso aceiro.  
Por Hesús! Por Hesús! pela Gallia sagrada!  
Repilla o parr gaulez a lamina da espada  
Do bandido cruel que esta terra profana  
Querendo escravisal-a á tétra aguia romana!

### *Descriptivamente, assomado*

Já pelos valles alarmados  
Rolam pesados arietes,  
Ouve-se a voz da turba-multa.  
Bradam pugillos de soldados,  
Nitrem congeries de ginetes  
E estronda e atrôa a catapulta.

Como acoçados pelas furias  
Vestidos de armaduras fortes  
Marcham com ancia, esbaforidos.



Passam centurias e centurias,  
Passam cohortes e cohortes  
Com formidandos alaridos.

E o sangue corre e o incendio o suga,  
O campo em flor a espada arraza,  
E o povo, attonito, tresmalha.

*a Joel:*

Tenta sustar a grande fuga!  
Antes que a Patria em cinzas jaza.

*Com entusiasmo heroico, brandindo  
o malag:*

Joel! ao campo de batalha!

AS DONZELLAS, *atemorizadas:*

Hesús!

JOEL

*depois de um silencio commovido, entre  
os rusticos:*

Joel, o brenni, que a idade prostra,  
Joel, o espirito da Paz,  
Na guerra intrepido se mostra

Como o mancebo mais audaz.  
Que importa o numero da hoste

*Enthusiasmado-se:*

Se temos Rittha-Gaur por nós?

*a Mikael:*

E tu, que o nuncio triste foste,  
Escuta agora a minha voz:  
Vai aos casaes, aos alcandores,  
Galga os nevados cimos pallidos—  
Conclama ás armas os pastores  
E todos os gaulezes válidos.  
Que, á noite, á luz do astro silente,  
Na selva sacra, armada e forte,  
Esteja a Gallia combatente  
Para afrontar a morte!

AS DONZELLAS, *invocando:*

Hesús! Hesús!

Véla por nós, mantenedor da Luz!

*As donzellas entram á esquerda, tristemente.  
MIKAEL e os rusticos saem em tumulto,  
pelo fundo. JOEL queda-se meditando.*



EPINICIO, *fóra:*

Hér! Hér! pela Gallia!  
Embora a guerra abale-a  
Do valle em flor á serra  
Jamais a Patria altiva,  
Hesús! será captiva...  
Hér! Hér! pela guerra!

### SCENA III

JOEL, *só*

*Perdendo-se ao longe o canto de guerra dos gaulezes, JOEL desce lentamente e, tomando um pesado malag, fica algum tempo a contemplal-o, com tristeza:*

Como um barco que a rábida procella  
Fendeu d'encontro á syrte lutulenta  
E vai, partido e esfarrapada a véla,  
A' vontade da vaga turbulenta,  
Pobre Joel, a carne enfraquecida,  
D'alma viril apenas um sudario,  
Que ha de fazer nos temporaes da vida?  
Pobre Joel! brenn valetudinario!

Tua alma, como o intrepido mareante,  
Que ha de fazer nos restos d'um batel?  
Tens ainda o espirito pujante  
Mas o teu braço enfraqueceu, Joel!

*Deixa o malag a um canto e entra tristemente á direita. HENA apparece pela esquerda, pensativa. Vai ao fundo e detem-se algum tempo, olhando. Depois d'uma pausa triste sorri desalentada com os olhos marejados d'agua:*

### SCENA IV

HENA DEPOIS JULYAN

HENA

Que alegria lá fóra nos trigaes  
Ao louro sol que nos prepara a messe:  
Trilam nos ramos trefegos pardaes,  
A neblina do val desaparece.  
Bale a ovelha feliz, muge a novilha,  
Zumbe a abelha no prado em flor, ao sol...  
Se vem a noite o plenilunio brilha  
E canta o rouxinol.







Parto! e na lucta, quanto mais sangrenta  
A peleja tornar-se eu, rindo e ousado,  
Enfrentarei o perfido inimigo.

Que levará de mim Roma cruenta?  
Um miseravel corpo despojado  
Porque minh'alma ficará comtigo.

HENA

Mas, se morreres... ai de mim! a palma  
Do martyrio será por dois levada...

JULYAN

E porque, minha amada?

HENA

Porque levas minh'alma.

*Ficam algum tempo extasiados; HENA,  
por fim, toma uma espada e, cingindo em  
JULYAN, diz, por entre lagrimas:*

Cinge a cortante espada!

E, nos momentos rapidos de calma,

Mira-a e has de ver na lamina polida

A minha imagem retratada...

JULYAN, *apaixonadamente:*

A tua imagem, minha vida,  
A tua imagem que será minh'alma...

*HENA, depois de uma hesitação pudica, lança-se apaixonadamente nos braços de JULYAN. Ouvindo, porem, rumor fóra, afastam-se a tempo de ARMEL, que entra precipitado, não poder surprehendel-os em colloquio tão meigo.*

## SCENA V

OS MESMOS E ARMEL

JULYAN

*que tem os olhos fitos na porta larga  
do fundo vendo entrar ARMEL:*

Armel!

ARMEL, *sombrio:*

Julyan, a Gallia conflagrada

Já na peleja empenha-se. Retumba  
O valle que o clamor atrôa e assombra.

Eis-me para cumprir a fé jurada:

Se um de nós succumbir que o outro succumba,

Que um seja do outro como a propria sombra.



*Desenrola da cinta uma corrente e junta-se a JULYAN. Resôa ao longe, mal distincto, o EPINICIO entusiastico.*

ARMEL, JULYAN e HÊNA

O tu, Hesús, que os vís perjurijs punes  
E recompensas a fidelidade,  
Sê cruel com aquelle dos saldunes  
Que, por temor, fraqueza ou deslealdade,  
No momento mais grave do perigo,  
Fugindo á morte e á fé covardemente,  
Despedaçando os élos da corrente,  
Deixar no campo abandonado o amigo.  
Maldicto seja!

### SCENA VI

OS MESMOS, JOEL; DEPOIS MARGARIDA, SIOMARA, MÉROE, HENÔRA, AS CREANÇAS; DEPOIS KIRIO

JOEL, *saindo da direita armado; com solemnidade:*

Sim, maldicto seja!  
Eis-me prompto a sair para a peleja...

JULYAN e ARMEL *baixam os olhos com respeito.* JOEL, *tomando a corrente que ARMEL já tem engatado ao êlo do seu cinto, exclama:*

Que eu vos una!

*Prende a outra extremidade da corrente ao êlo do cinto de JULYAN*

JULYAN

Joel, os que assim unes  
Por uma fragilissima corrente  
Já 'stão unidos e perpetuamente  
Pela fé que juraram de Saldunes.

MARGARIDA, *entre as donzellas que a cercam com sollicitos cuidados, entra trôpega, tacteando, allucinada. Os seus olhos opâcos rolam desesperadamente nas orbitas. Afastam-se todos, com respeito, ante a veneranda cêga*

MARGARIDA

Fuge depressa! os passos aligeira  
Eh! Margarida, pobre velha, fuge!



Que importa á Roma uma cegueira  
 Que no sangue escabuge?  
 Vamos, donzellas... Na montanha escura  
 Ha covas d'ursos que nos tomem  
 E a féra brava da espessura  
 É mais humana do que o homem.

Fuge! fuge, mulher!  
 Se tens um filho que elle vá comtigo,  
 Que o não vejas morrer  
 As mãos crueis do pérfido inimigo.

*Ajoelhando-se, as mãos postas:*

Como eu bemdigo esta cegueira  
 Que me priva de ver tanta agonia.  
 Feliz que sou! D'esta maneira  
 Céga, sem ver a luz do dia,  
 Nada verei do horror... Graças te rendo, Hésus  
 Que me levaste á luz.

*Prestando attenção, surdamente:*

Quem geme?

SIOMARA  
 É o vento.

MARGARIDA, *levantando-se:*

Ah! pobre vento!  
 Geme por nós... por todos nós!  
 E como é triste o seu lamento...  
 Ah! pobre vento! Ah! pobre vento!  
 Como é dorida a sua voz!

VOZES, *ao longe, entoam heroicamente o*  
 EPINICIO

KIRIO, *apparecendo ao fundo*  
*com a aguilhada em punho:*

Já o incendio flammeja ao longe e encarde  
 O céu; e a luz do sol offusca e empanna  
 O fumo espesso e, em breve, será tarde  
 Para fugirmos á legião romana.

AS DONZELLAS,  
*conduzindo* MARGARIDA:

Vamos! o tempo apressa.  
 Vamos! o carro espera...

*Dirigindo-se á casa:*

Adeus!



MARGARIDA

Partamos!

Antes que o barbaro appareça...

*Tristemente:*Pobre de mim... desventurada! (*Resoluta:*) Vamos!*Afflicta, estendendo as mãos anciosamente:*

Joel! Joel!

*JOEL adianta-se e os dois abraçam-se commovidos.*HENA, *desoladamente:*

Ó minhas esperanças!

JOEL

*enternecido conduzindo as creanças ao carro  
que espera á porta;  
com voz surda, repassada em lagrimas:*

Vai começar a triste vida errante!

MARGARIDA

Vejam se falta alguma das creanças...

JOEL

Não falta...

MARGARIDA

Adeus!

HENA

Ó doloroso instante!

AS CREANÇAS

La ra la lá...

JULYAN

Melhor fôra morrer que ver tal scena...

*Despedindo-se:*

Adeus, Henôra... Adeus, Siomára...

*Com angustia:*

Ó Hena!...

HENA, *em segredo:*Mira-a... e has de ver na lamina polida  
A minha imagem retratada.



JULYAN, *commovido*:

A tua imagem, minha vida,  
A tua imagem que será minh'alma...

ARMEL, *lendo a paixão nos olhos tristes e  
lacrimosos de HENA, estremece de colera.*  
VOZES, *ao longe, entoam o* EPINICIO.

JOEL, *conduzindo MARGARIDA  
e as donzellas*:

Ide! e Teutátes que vos leve em paz!

MARGARIDA

Adeus, Joel... talvez para o jamais!

HENA

*caminhando para o fundo sempre seguida  
pelo olhar sombrio de ARMEL*:

Adeus, Julyan!

JULYAN

Adeus!

JOEL, *á porta, beija carinhosamente, MAR-  
GARIDA e as donzellas á medida que vão  
passando ao alcance dos seus braços tre-  
mulos.*

MARGARIDA *e as donzellas, fóra*

Adeus!

ARMEL

*N'uma explosão d'angustia:*

Ó ancia!

Amam-se os dois... que horror!

JULYAN, *á porta*:

Hena... constancia!

HENA, *fóra*:

Inda na morte!

JULYAN

Inda na morte!...

ARMEL

Ó dôr!



*Fica acabrunhado e, quasi arrastado por JULYAN, vai á porta do fundo onde está JOEL acompanhando a partida.*

AS CRIANÇAS, *no carro, jocundamente:*

La ra la la...

JOEL e JULYAN *acenam despedindo-se*  
JOEL *e os saldunes recolhem-se*

JOEL, *depois de um commovido silencio, assomado, brandindo o malag:*

Agora a nós, gaulezes! Pela Gallia!

*Clamor fóra. A casa é invadida pelos rusticos armados*

#### EPINICIO

Her! Her! pela Gallia  
Embora a guerra abale-a  
Do valle em flor á serra  
Jamais a Patria altiva,  
Hésus! será captiva...  
Her! Her! pela guerra!

PANNO

## II

### CANON



## SCENARIO

---

Clareira no bosque de Carnac, entre robustos carvalhos sacros. Hirtos menhirs, em duas linhas paralelas, descem até á praia rochosa e agreste; ao centro a ara tabular e, flanqueando-a, dois montes de lenha destinados aos holocaustos. Um dos montes, enastado de compridos e finos véos brancos, raiados de purpura, que palpitam com o halito da noite, avulta viçosamente enfestoado de ramos frescos e floridos; o outro tem apenas em torno verdes folhagens e gavelas de trigo. A lua, surgindo do mar longínquo, pallida, d'uma pallidez enfermiza de lyrio novo, docemente mysteriosa e somnambula, vai subindo, ora pelo céu liso e calmo, ora por entre nuvens, apparecendo, desaparecendo. O marulho do mar, na praia, é funebre e o arvorêdo como que responde ás ondas com o seu murmúrio.



## SCENARIO

---

Clareira no bosque de Carnac, entre robustos carvalhos sacros. Hirtos menhirs, em duas linhas paralelas, descem até á praia rochosa e agreste; ao centro a ara tabular e, flanqueando-a, dois montes de lenha destinados aos holocaustos. Um dos montes, ennastrado de compridos e finos véos brancos, raiados de purpura, que palpitam com o halito da noite, avulta viçosamente enfestado de ramos frescos e floridos; o outro tem apenas em torno verdes folhagens e gavelas de trigo. A lua, surgindo do mar longinquo, pallida, d'uma pallidez enfermiça de lyrio novo, docemente mysteriosa e somnambula, vai subindo, ora pelo céu liso e calmo, ora por entre nuvens, apparecendo, desaparecendo. O marulho do mar, na praia, é funebre e o arvorêdo como que responde ás ondas com o seu murmúrio.



## SCENA I

JOEL, JULYAN e ARMEL

*Merencoreo silencio. Subitamente, módulo, um passaro desfere entre a densa folhagem dos carvalhos: é o rouxinol nocturno. JOEL, JULYAN e ARMEL apparecem ao fundo e, saltando de pedra em pedra, passam por entre os sagrados monolithos respeitosamente, inclinando-se diante da aratubular. Ao rumor que fazem cala-se o rouxinol*

JOEL

Eis de Carnac os marcos millenares!  
É aqui que os druidas vêm falar aos deuses  
Sobre as sagradas pedras dos altares.

JULYAN, *tristemente:*

Aqui vai ser o ponto dos adeuses...



## JOEL

Se Mikael foi prompto na embaixada,  
Annunciando á Patria o imigo trêdo  
Deve achar-se no seio do arvorêdo  
A Gallia congregada.

*Avança até á orla da floresta e faz soar a  
buzina; outra responde, sonora, d'entre as  
possantes arvores*

## ARMEL

A voz de Rittha-Gaur...

JOEL, *com entusiasmo:*

A voz sonora,  
A voz possante da buzina forte  
Inda vibra em minh'alma como outr'óra...

JULYAN, *presago:*

A voz de Rittha-Gaur... a voz da Morte!...

JOEL, *aos saldunes:*

Esperai-me aqui fóra na clareira  
Emquanto falo aos principaes do clan

Com que a Gallia bretã  
Vai defender, impavida, a fronteira.

*Caminhando para a floresta,  
stentorosamente:*

Por Hesús!

VOZES, *na floresta:*

Por Hesús!

## JOEL

Pela Gallia sagrada!  
Repilla o parr gaulez a lamina da espada  
Do bandido feroz que esta terra profana  
Querendo escravisal-a á tétra aguia romana!

*Perde-se na floresta*

VOZES, *longinquoas, na floresta, entoam o  
EPINICIO*

*Familias gaulezas foragidas, em grande mi-  
seria, atravessam a scena, ao fundo, des-  
apparecendo entre as arvores protectoras.  
De quando em quando, soturnamente, como*



*um soluço, o nome de HESÚS resôa no bosque*  
*Silêncio. O rouxinol recomeça o canto elegiaco. JULYAN, d'olhos em terra, entristecido, medita. ARMEL contempla extasiadamente o mar que o plenilunio assoalha de claridade*

## SCENA II

JULYAN E ARMEL

JULYAN, *suspirando:*

Hena!

ARMEL, *voltando-se:*

Que tens, Julyan? porque suspiras?

JULYAN

É minh'alma que geme em minha bôcca...

*Trôa a buçina na floresta; cala-se o rouxinol.**Assomado:*

Ouves a voz d'essa buzina rouca?

É a voz da Morte, Armel...

ARMEL

Que tens? deliras!?

JULYAN, *com amargura:*

Talvez... nem sei... meu coração desvaira  
 E não sinto minh'alma que, em verdade,  
 Muito longe d'aqui, saudosa, paira.

*Com muita melancolia:*

Tu não sabes, Armel, que é ter saudade,  
 Tu não sabes, Armel, que é ser amado  
 E andar longe do ser estremecido...  
 Tu não sabes, Armel, que é ter gozado...

ARMEL, *com angustia:*

Tu não sabes, Julyan, que é ter soffrido...

JULYAN

*Chegando-se muito a ARMEL,  
 como em segrêdo:*

Esta corrente que nos liga  
 Forte, de ferro, é menos forte  
 Que uma palavra doce e amiga  
 Que ouvi a alguem, em noite antiga



Quando inda uivava o vento Norte.  
Alguem que é toda a minha sorte  
E que a viver inda me instiga...

ARMEL, *ansioso*:

Dize quem é!...

JULYAN

Queres que eu diga?

*Com enlevo*:

É uma formosa rapariga  
De rosto branco e altivo porte.

ARMEL

*Extasiado, como n'um sonho, os olhos  
no céu:*

Louros cabellos bastos  
Vestem-n'a d'ouro e de luz  
E os seus lindos olhos castos  
São como dois céos azúes.  
Quando ella fala—se é dia...

JULYAN

Cala-se a cotovia.  
Se a lua rendeu o sol...

ARMEL

Cala-se o rouxinol.

JULYAN, *suspeitoso*:

Seu nome?

ARMEL

Pois inda queres  
Que eu diga mais do que hei dito?  
Não ha outra entre as mulheres  
Que tanto valha...

JULYAN, *apaixonadamente*:

Acredito.

ARMEL

Foi no tempo da messe  
Que ella me appareceu  
E, certamente, ao que parece,  
Sem perceber, meu coração colheu.



Foi no tempo da messe  
 Que o meu amor nasceu.  
 Ella, talvez porque não desse  
 Pelo engano fatal, não percebeu  
 Que, em vez da flor que pelos campos cresce,  
 Colhia um triste coração — o meu.  
 E essa donzella que me traz captivo,  
 Essa donzella que me não conhece  
 É justamente, irmão, ao que parece,  
 A mesma...

JULYAN, *fogosamente:*

Por quem vivo!  
 Seu nome! dize!

ARMEL

Dil-o tu mesmo...

JULYAN

Hena!

ARMEL

Meu coração responde como um echo.

JULYAN, *com espanto e despeito:*  
 Amas a filha de Joel?!

ARMEL, *baixando os olhos:*

Se pécco  
 A culpa é d'ella, irmão, e minha é a pena.

*Silencio. O rouxinol canta maviosamente*

JULYAN

*De repente, tremulo de emoção, cravando os olhos em ARMEL:*

E que provas tens tu do seu amor?

*Cala-se o rouxinol*

ARMEL

Nenhuma!  
 Nunca tive um sorriso, ao menos, do seu labio  
 Que o halito perfuma.

*Movimento de alegria de JULYAN.  
 Com paixão e tristeza:*

Amo-a como o druida sabio  
 Ama, em silencio, a Natureza a preço



Da indiferença. O seu olhar altivo  
 Não vio jamais que eu dasfalleço  
 De amor por ella e só por ella vivo.

*Com alento:*

Nem por isso, Julyan, hei de deixar de amal-a!

*Docemente:*

Eu amo a estrella d'alva e o sol e a fresca aurora,  
 A brisa, a selva, o monte, o mar e a flor que exhala;  
 Tudo que é bello, emfim, indifferente embora...  
 Como não hei de amar a creação mais bella

Do Creador da Natureza?

Eu não lhe peço amor, nem tal eu peço á estrella,  
 Nem ao mar, nem ao sol, nem á flor da deveza.  
 Amo-a como respiro e como busco o alento,  
 Amo-a como o pastor adora a estrella clara!  
 Que importa á fonte o viajor que pára

E a contempla um momento?

Emtanto a fonte não lhe néga á sêde

O pouco d'agua que elle péde.

Pouco me basta, irmão, para a minha ventura,

Pouco me basta, irmão, p'ra não ser infeliz:

Basta que eu veja a creatura

E ouça o que ella diz;

Beije devotamente o seu rasto na areia  
 E sinta o arôma que trescala  
 O seu cabello que, dourado, ondeia  
 Ao sol... Basta-me amal-a!

JULYAN

Hena, a filha do brenn, é minha noiva, Armel!  
 E o seu coração meigo anda sempre commigo: X

*Com a dextra sobre o coração:*

Tenho-o guardado aqui como sob um broquel.  
 Hena jurou ser minha e ha de ser-me fiel!  
 Tenho o seu coração...

ARMEL

*Como em soliloquio, com amarga ironia:*

Por isso é que eu te sigo!

*Motivo religioso ao longe, á direita. Sons de  
 buzinhas na floresta. Varios rusticos, que se  
 têm reunido em torno dos menhirs, levanta-  
 tam-se e alongam os olhos*

OS RUSTICOS

O cortejo...



ARMEL A JULYAN

Em que cuidas?

*Com intenção ironica:*

Ahi vem a collegiada dos druidas:  
Esquece o amor — pensa na Patria.  
Embora eu idolatre-a  
Sinto que agora, irmão, outro amor me reclama  
E mais forte e mais vivo e mais nobre talvez...

JULYAN

Do que o amor?...

ARMEL

Do que o amor!...

JULYAN, *impetuoso:*

Do que o amor de quem ama?!

ARMEL

Do que o amor de quem ama e de quem...

JULYAN, *incrédulo, acena negativamente  
com a cabeça:*

Não crês, então, que eu possa amar conjunctamente

Ah! não crês?

O céo, a terra, o mar, tudo que foi creado  
Sem esquecer o ser amado?

JULYAN, *fervorosamente:*

Creio no amor unicamente!

*Estrugem vozes na floresta entoando o*

EPINICIO

OS RUSTICOS

O sagrado cortejo...  
Vai começar o sacrificio.  
Hesús, deus forte e bemfasejo,  
A' Gallia sê propicio!

SCENA III

ARMEL, JULYAN, DRUIDAS, BARDOS,  
EWHAG'HS, RUSTICOS, UM MANCE-  
BO, UMA VIRCEM, DRUIDIZAS; DEPOIS  
JOEL E GUERREIROS

CORTEJO

Tremulos accordes vibram, n'um suavís-  
simo concerto mystico, despertando o si-



lencio nocturno e, lentamente, gravemente, surgindo d'entre as arvores annosas da ala versuda da direita, apparecem guerreiros severos empunhando archotes e, em seguida, os bardos pulsando harpas. Caminham como em extase, mal tocando o sólo acamado de versas que se lhes apegam ás fimbrias das tunicas, alvas e compridas, ajustadas por um cinto de metal; os olhos arroubados demandam o céo lucido e calmo e, nas suas pallidas frontes, cingidas de folhas de carvalho, o livido luar assenta scintillando nos cabellos fartos e longos, humidos de orvalho.

Os ewhag'hs, com as suas tunicas folgadas, peitoral vermelho como embebido no sangue oblativo das victimas, machadinhas em punho, o malag á cintura, de grandes barbas ondulantes, olham em frente, com o olhar immovel e duro das estatuas.

Veneraveis, com os cabellos brancos rolando sobre os hombros curvados, as barbas forrando os peitos, os druidas, d'alvo, com a orla das tunicas enfestadas de purpura, coroados como os bardos, caminham me-

rencoreos — entre elles, juntos como dois noivos, d'olhos altos, um ramo de carvalho á mão, um mancebo e uma virgem, d'uma expressão tão calma e feliz ambos, que ao vel-os, os jovens, da mesma idade venturosa e de esperança, crendo que vão cumprir uma promessa nupcial, suspiram de inveja.

As druidizas casadas, de branco, com cinto de ouro; as donzellas druidizas de negro, cinto de metal, braços nus, coroadas de folhagem, ferindo harpas. As folhas seccas farfalham sob os passos com um murmurio tremulo de chuva. Os druidas cercam veneradamente a ara tabular, os bardos tomam lugar ao fundo, á direita, junto d'um alto carvalho ramalhoso; as druidizas reúnem-se á esquerda, fundo; os ewhag'hs e as victimas acercam-se da ara.

### OS BARDOS

Hesús! Hesús!

### DRUIDAS E EWHAG'HS

Hesús! Hesús!



## AS DRUIDIZAS

Hesús! Hesús!

TODAS AS VOZES

Hesús! Hesús!

## AS DRUIDIZAS

Véla por nós, mantenedor da Luz!

VOZES, *na floresta:*

Hesús!

*Tróam formidavelmente as clangorosas bu-  
zinas. Irrompem da floresta os guerreiros  
gaulezes precedidos por JOEL. JULYAN e  
ARMEL vão ao fundo e confundem-se com  
a multidão. Os guerreiros entóam, com ar-  
dente entusiasmo, o* EPINICIO.

## OS BARDOS

Ao parr! que o vosso pulso vibre  
Com valentia e deshumano  
Pondo na Gallia um novo Tibre  
Com o sangue romano!

Ao parr! que a leva retrocêda  
Diante de vós, filhos de Hesús!  
Como recúa a sombra trêda  
Ao rebrilho da luz!

## OS DRUIDAS

No silencio dos castros  
Crepitam fogos de bivac.  
Almo Senhor dos astros  
Que assistes em Carnac,  
Não permittas que o fulvo incendio infausto,  
Que arde da Gallia na fronteira, o atrio  
Santo do solo patrio,  
Abraze a terra como em holocausto.

## AS DRUIDIZAS

Almo Senhor dos astros  
Que assistes em Carnac  
Acceita o sangue que oblativamente  
Vai correr nos altares.  
Véla por nós, defende-nos, clemente  
Senhor das terras e dos mares!

*As victimas encaminham-se para  
a ara tabular*

Hesús!



OS EWHAG'HS, *soturnamente*:

Hesús!

AS VICTIMAS

Que o nosso sangue te sacie!

OS DRUIDAS

Que o teu espirito nos guie!

TODAS AS VOZES

Véla por nós, mantenedor da Luz!

UM EWHAG'H, *proclamando*:

O sangue vai correr!

Se alguém na turba quer mandar recados

Aos seus mortos amados

E' tempo de o fazer.

*Gritos e brados. A multidão aperta-se em torno da ara tabular. Rusticos sobem ás arvores para ver melhor, mães levantam os filhos nos braços, fanaticos rojam-se por*

*terra escabujando. Clamores, guaiados. Um grande fremito agita a turba commo-vida*

O MANCEBO

*De pé, na ara tabular, radiante, n'uma transfiguração, entôa o canto de morte que é ouvido em religioso silencio:*

Feliz de mim que vou rever os meus

E entrar na eterna bemaventurança.

Feliz de mim que vou viver nos ceos!

*Um ewhag'h adianta-se e crava-lhe fundamentalmente o malag no peito, o mancebo cae sobre a pedra sagrada e, logo, os ewhag'hs transportam o cadaver para o monte de lenha que lhe é destinado. Movimento da multidão*

TODAS AS VOZES:

Hesús! Hesús! vingança!

*A virgem, entre druidiças, adianta-se e sobe á ara tabular, viscida do sangue morno que estellicida em gottas grossas sobre a relva*



## A VIRGEM

*Com os olhos illuminados, sorrindo, de pé sobre o altar, dirigindo-se ao céu todo em luz branca*

Antes que a morte cale-a  
A minha bocca vai falar:

*Implorando:*

Hesús! defende a Gallia  
Contra o romano alvar!

## TODAS AS VOZES:

Hesús! defende a Gallia  
Contra o romano alvar!

*A virgem cae victimada pelo malag do ewhag'h e é transportada para o monte de lenha que os véos brancos enfeitam*

## SCENA IV

OS MESMOS, KIRIO, HENA, MARGARIDA, SIOMARA, MEROE, HENORA E AS CREANÇAS

*Entram pela direita, MARGARIDA entre HENA e SIOMARA; MEROE e KIRIO*

*conduzem as creanças. Param e ficam contemplando o sinistro espectáculo. MARGARIDA, tirita*

## MARGARIDA

O que noite gelada!  
O inverno o flocco estellicida  
E a neve forra a estrada.  
Ó que noite gelada!  
E a gente a errar sem ter guarida...  
Ah! pobre velha Margarida,  
Forçada a caminhar transida.  
Em noite assim gelada!...

## OS EWHAG'HS

Acceita o sangue que oblativamente  
Corre pelos altares!  
Vêla por nós, defende-nos, clemente  
Senhor das terras e dos mares!

## MARGARIDA

*Caminhando para o fundo, tropega, allucinada, seguida das donzellas e das creanças:*

Fére, gaulez! Fére, trucida!  
Fére, gaulez! Fére o tyranno!



Que se não salve um só romano,  
Que não escape uma só vida!

JULYAN

*Ao fundo, entre a multidão, n'um grito alegre, de surpresa feliz:*

Hena!

HENA

Julyan!

*HENA e JULYAN, de mãos dadas, avançam para o primeiro plano da scena. ARMEL, preso á corrente, acompanha-os conservando-se, porem, affastado, mal contendo o odio, acceso no seu coração, pelo amor dos namorados.*

JULYAN, *revendo-se nos olhos de HENA:*

Tu, minha amada!

ARMEL

O' desventura! hei de segui-o  
Sem protestar, firme e tranquillo  
Tendo minh'alma torturada!...

OS BARDOS

Hesús! Hesús!

DRUIDAS E EWHAG'HS

Hesús! Hesús!

AS DRUIDIZAS

Hesús! Hesús!

TODAS AS VOZES:

Hesús! Hesús!

AS DRUIDIZAS

Véla por nós, mantenedor da Luz!

*HENA, apaixonadamente:*

Inda uma vez quiz a sorte  
Que eu te visse e te falasse  
E o juramento lembrasse  
D'aquella manhã de amor.  
Tu vais partir, vais deixar-me,  
Levas minh'alma contigo,  
Eu fico, meu dôce amigo,  
Fechada na minha dor.  
Mas não me esqueças...



JULYAN, *com enlevo:*

Que injúria!

Nem que a memoria eu perdesse  
Ainda que escurecesse  
Minh'alma que o amor flagella  
Dentro da treva da insania  
De ti ficaria o rastro:  
A noite teria um astro,  
Serias tu minha estrella...

ARMEL, *com odio:*

Saldunes, irmãos jurados...  
Triste ironia da sorte!  
Nem mesmo a foice da Morte  
Terá sobre nós valor...  
E tanto de instante a instante  
Mais a sorte nos desune:  
Fez-se elle do amor saldune  
E eu fiz-me escravo do amor.

MARGARIDA, *chamando:*  
Hena! Siomára! Méroe!

JULYAN

Adeus!

MARGARIDA

Henôra!

JULYAN

Embora a morte nos separe...

HENA

Embora!

*Depois de contemplal-o com a alma  
nos olhos:*

Mira-a e has de ver na lamina polida  
A minha imagem retratada...

JULYAN

A tua imagem, minha vida,  
A tua imagem que será minh'alma!

HENA *affasta-se correndo e vai juntar-se á  
MARGARIDA e ás donzellas, saindo todas,  
com as creanças, precedidas por KIRIO,  
pela direita, fundo. HENA acena sempre a  
JULYAN que corresponde apaixonada-  
mente. ARMEL, depois de contemplar os  
dois, arranca violentamente a corrente do  
cinto e atira-a ao chão desprendendo-se de*



JULYAN *que, sem perceber, vai livremente até ao fundo.*

ARMEL, *com odio :*

Bemdicta sejas tu, flamma infame da guerra!  
Bemdicta sejas tu, que me vais desforçar...  
Que eu morra! e o meu rival não ficará na terra,  
Que elle morra e esse amor ha de, enfim, terminar!

HENA *desapparece.* JULYAN, *vendo-se livre, fica surpreso e, tomando a corrente que levou de rasto, chega-se a ARMEL entregando-lhe a extremidade que lhe cabe; o saldune, sem poder dissimular a ira, mostra-se indifferente ao companheiro. Os EWHAGHS ateiam fogo aos dois montes de lenha e as chammass sobem abraçando os corpos das victimas. Os BARDOS travam das harpas e, gloriosamente, entôam o hymno de guerra seguindo todo o cortejo para a floresta sagrada.*

OS BARDOS

Ao parr! que o vosso pulso vibre  
Com valentia e deshumano

Pondo na Gallia um novo Tibre  
Com o sangue romano!  
Ao parr! que a leva retrocêda  
Diante de vós, filhos de Hesús!  
Como recúa a sombra trêda.  
Ao rebrilho da luz...

*Desapparece o ultimo gaulez na floresta. Silencio.* JULYAN *contempla ARMEL que, d'olhos em terra, a corrente na mão, hesita em ligar-se de novo ao companheiro. As fogueiras ardem illuminando tragicamente a paisagem e o rouxinol solitario modula com melancolia. Subito, porem, clangoram na floresta, já longe, todas as buzinass e as vozes atrôam a tática espêssura formidolosamente entoando o :*

CHORAL

Por Hesús! Por Hesús! Pela Gallia sagrada!  
Repilla o parr gaulez a lamina da espada  
Do bandido feroz que esta terra profana  
Querendo escravisal-a á téttra aguia romana!



## ARMEL

*Que tem prestado atenção ao choral bellissimo suspira arracadamente e, n'um movimento rapido, nervoso, prende a corrente ao elo do seu cinto e acena para que partam, detem-se, porem, na orla da floresta e, depois de lançar um olhar odioso a JULYAN, brada heroicamente, não sem amargura:*

Embora eu idolatre-a...

Sinto que agora, alem! outro amor me reclama!

*Desapparecem na floresta. Depois de um curto silencio o rouxinol recommença a cantar e o pauno vem descendo lentamente*

## III

## CATASTROPHE



## SCENARIO

---

Campo arrasado pelo incendio. Aqui, alli, d'entre o cineral, avultam troncos adustos, negros, como vestidos de lucto. Serras asperas, hirsutas, murálham o horizonte sombrio. A' esquerda, primeiro plano, uma caverna com a sua dentuça de stalactites e stalagmites, como uma grande bocca de pedra bocejando. Rochas calcinadas povoam o campo triste. A neblina dilue-se ás primeiras luzes da manhã melancolica.



SCENA I

MARGARIDA DEPOIS HENA

*Em grande miseria, mal coberta de andrajos, tremula, esquelética, MARGARIDA está tristemente sentada no limiar da caverna que lhe serve de guarida.*

MARGARIDA

Foi-se a floresta... Pobre floresta!  
Levou dois mezes a agonisar.  
D'ella na terra nada mais resta.  
Pobre arvorêdo! Pobre floresta!  
Ha cinza apenas no seu lugar!

Foram-se todos! Quasi sosinha  
Fiquei no mundo para penar.  
Não ha desgraça maior que a minha...



Pobre floresta! Pobre velhinha!  
Que é do arvorêdo? Que é do teu lar?

*Depois de uma pausa tristurada:*

Em ti, campo forte, em breve  
Ha de o renovo florir.  
Que importa que o incendio o leve?  
Se, ao fim do tempo da neve,  
A Primavera ha de vir...

Mas, ai! de mim!... quem me dera  
Ter os mesmos estribilhos  
Da eterna canção da esphera:  
Pudesse uma Primavera  
Trazer-me de novo os filhos!

*A sua cabeça miseranda abate sobre o peito  
cavado, caem-lhe os braços magros ao  
longo do corpo. HENA entra lentamente  
pela esquerda, andrajosa, descalça e linda,  
traçando, com infinitos cuidados, um gran-  
de lyrio cheio de agua.*

HENA

Inda pude encontrar agua...

MARGARIDA

*estendendo as mãos, anciosamente:*

Dá-me a beber... Tu és Hena:  
Minh'alma te reconhece.

HENA, *carinhosamente:*

Sim, mãe: sou!

*Chegando-lhe, com desvelo, o lyrio  
à bocca sedenta:*

De longe trago-a  
No calix d'uma açucena.

MARGARIDA, *depois de beber:*

E' noite ou dia?

HENA

Amanhece.

*Com meiguice:*

Recolhe-te um pouco á cáva,  
Vê se podés repousar.



MARGARIDA, *levantando-se* :

Ah! não repousa uma escrava...

*De repente, sobresaltada, prestando atenção  
a vozes imaginarias:*

Quem fala? Estão a falar...

Ouve, minha filha, escúta...

*Surdamente, com medo, agarrando-se*

a HENA :

São elles!...

HENA

Não, mãe: é o vento

Que geme dentro da gruta.

Vem repousar um momento...

MARGARIDA

*No limiar da caverna, chamando:*

Joel! Joel (A' HENA): Ouve... Pára!  
Ouví responder agora...

*Chamando com a voz em grito:*

Joel!

HENA, *chamando* :

Joel!

MARGARIDA, *chamando* :

Méroe! Henôra!

Espéra... (*chamando*): Joel! Siomára!

*Tristemente, desilludida:*

Respondem... respondem sim  
Do sitio em que se esconderam.

*Com a mão sobre o coração:*

Bem ouvi que responderam  
Mas foi aqui, dentro em mim...

*Entram lentamente na caverna.*

## SCENA II

DRUIDAS, EWHAG'HS, DRUIDIZAS,  
BARDOS, MIKAEL E RUSTICOS

*Abatidos, desfigurados, em pobreza extrema,  
atravessam a scena, ao fundo, da direita*



*para a esquerda. Detêm-se, um momento, contemplando, com angustia, o campo alhanado:*

UM VELHO DRUIDA

*Com os braços levantados para o céu:*

Hesús!

OS DRUIDAS

Hesús!

TODAS AS VOZES, *em grita:*

Véla por nós, mantenedor da Luz!

MIKAEL

*Ferido, caminhando amparado por dois homens, então, com voz fraca, quasi indistincta, o EPINICIO, á medida que atravessa a scena.*

SCENA III

JULYAN E ARMEL

*Depois de um curto silencio entram, pela direita, primeiro plano, os dois saldunes ro-*

*tos, desbaratados. ARMEL, apertando o peito com a mão esquerda, caminha com lentidão, apoiado a JULYAN. Detem-se em meio da scena e ARMEL deixa-se cair sobre uma pedra, bebendo soffregamente d'uma cabaça que JULYAN traz á bando-leira.*

ARMEL

*Vendo JULYAN um pouco affastado:*

Como eu sou infeliz!

Hei de ficar no mundo algemado ao meu Odio!

Nem a Morte me quiz...

O Destino cruel é o meu nume custódio!

JULYAN

Olha o campo que, outr'óra, em flor apparecia:

Não é mais que cinza fria;

E do arvoredo robusto

Resta apenas na terra o esqueleto combusto.

A flôr da Gallia feneceu na guerra.

Ante o romano o que ficou tresmalha,

Põe-se em fuga e se abherra

Por não poder offerecer batalha.



## SCENA IV

## OS MESMOS E HENA

HENA, *na caverna:*

A pouco e pouco as forças perde...  
 Nem mesmo um fructo verde  
 N'este páramo triste me depára  
 A sorte ingrata e avára!

*Movimento de espanto dos saldunes. ARMEL  
 põe-se de pé surpreso, com os olhos fi-  
 tos na caverna.*

JULYAN

Esta voz!

ARMEL

Sonharei?! Deve ser sonho...  
 Em sitio tão tristonho  
 P'ra que a tristura do silencio quebre  
 Terá Deus posto... Oh! não... Deliro: é a febre...

HENA *apparece no limiar da caverna*

JULYAN, *maravilhado:*

Hesús! Hesús!

HENA, *avistando-o:*

Julyan!

JULYAN

Hena!

*Correm, um para o outro e abraçam-se  
 apaixonadamente:*

ARMEL

O miseria!

Pois mesmo n'esta solidão funerea  
 Entre escombros e lucto, implacavel e firme,  
 Ha de o amor perseguir-me!?

HENA

*Nos braços de* JULYAN

Agora estou convencida  
 De que Hesús véla por nós...



JULYAN

Ah! se o Prazer fosse algoz  
Eu já não teria vida...

*Ficam extasiados*

ARMEL, *com odio doloroso:*

Não quiz a Morte leval-o  
Mas ha de leval-o a jura.  
Vou cavar a sepultura  
Que nos ha de receber.  
Que fico a fazer no mundo  
Sem patria, sem lar, sem nada?  
Antes a paz socegada  
Da morte que este viver.

*Com raiva, retirando a mão do peito e deixando correr o sangue da ferida:*

Escancara-te, ferida  
Que fez a lança romana,  
Abre a bocca deshumana  
E deixa escapar a vida.

*Acenando a JULYAN, com amarga ironia:*

Adeus! sê feliz: desposa-a!

JULYAN

*Que se tem conservado junto á HENA, alheio a todos os movimentos de ARMEL, como continuando uma narração que a donzella ouve enternecida, com lagrimas:*

.....

Foi um momento cruel.  
Mas soube morrer Joel  
Brandindo o temido parr.  
Em torno d'elle o romano  
Cahia e formava accúmulo;  
Do imigo fez elle um túmulo  
Glorioso p'ra se enterrar.

ARMEL

*Com esforço, apertando a ferida para evitar a passagem do sangue:*

Se um de nós succumbir que o outro succumba!  
Que um seja do outro como a propria sombra...

HENA e JULYAN *voltam-se lentamente e ficam atterrados vendo ARMEL, de pé, banhado em sangue, oscillando.*

HENA, *desvairada:*

Hesús!



JULYAN, *n'um grande horror:*

Armél!

ARMEL, *sinistramente:*

Minh'alma parte

E espera a tua...

JULYAN

*Tomando, com desespero, as mãos de* HENA:

Hei de deixar-te!?

HENA

Oh! não Julyan... não morrerás!

ARMEL, *com voz cáva:*

E nunca mais ha de ter paz  
Porque persiste a fé jurada  
E Hesús castiga o que perjura!

JULYAN, *profundamente abatido:*

Força é morrer, ó minha amada!

ARMEL, *com um sorriso cruel:*

E sobre a minha sepultura...

*Cae. Enfraquecendo a mais e mais repete o juramento. Os dois owem tomados de inenarravel pavor:*

Ó tu, Hesús, que os vis perjuros punes  
E recompensas a fidelidade,  
Sê cruel com aquelle dos saldunes  
Que, por temor, fraqueza ou deslealdade,  
No momento mais grave do perigo,  
Fugindo á morte e á fé covardemente,  
Despedaçando os élos da corrente,  
Deixar no campo abandonado o amigo.

*Com voz esforçada:*

Maldicto seja!

*Expira.*

JULYAN

*Depois de uma pausa repetindo como um echo:*

Sim... maldicto seja!

MARGARIDA, *na caverna:*

Hena!



HENA

Julyan!

*Ajoelhando-se diante do cadaver de ARMEL,  
de mãos postas :*

Ouve ! eu te exhorto !

*Com desespero :*

Ah ! já não pôde mais ouvir...

Não pôde mais ouvir... 'stá morto!

JULYAN, *com horror e angustia:*

Morto... meu Deus! e hei de o seguir!

MARGARIDA, *na caverna:*

Hena!

HENA

*Depois de hesitar entre a mãe e o noivo,  
arrancadamente :*

Um breve instante... a pobre céga  
Chama por mim... talvez padeça...

*Corre para a caverna, detem-se no limiar e  
volta-se para ver JULYAN que contempla*

*o cadaver de ARMEL. HENA desaparece  
na caverna e JULYAN, arrancando o pu-  
nhal da cinta, profere, com os olhos no ceo :*

A tua furia descarréga  
Sobre a minha cabeça!...

*Apunhala-se e, vacillando, cae sobre o cada-  
ver de ARMEL. HENA, no limiar da ca-  
averna :*

Julyan! (*Chamando*) Julyan! Julyan!

*Corre allucinada e, vendo-o morto,  
recúa com um grito :*

Horror!

MARGARIDA, *na caverna:*

Hena!

HENA

Julyan! Ó meu destino!

JULYAN, *com um fio de voz :*

Foi o amor o assassino,  
Ha muito que me acompanhava...



*Flebilmente:*

Armel... te amava...

*Expira.*

HENA

*Fica de pé, a tremer como se a alma se lhe houvesse gelado. Hirta contempla os corpos immoveis dos saldunes, por fim, dobrando os joelhos, prosta-se junto do cadaver de JULYAN e, acariciando-o meigamente, põe-se a chamal-o:*

Julyan!... Julyan!... Julyan!... Julyan!... Julyan!... Julyan!

*Tomando-lhe a cabeça nas mãos,  
muito meiga:*

Inda era inverno... em pallida manhã...

*A luz d'alva começa a illuminar a scena. A donzella vai lentamente arrancando o punhal do peito de JULYAN e diz, á medida que lhe repousa a cabeça, com cuidado, sobre as cinzas do solo:*

Minha, disseste, has de então ser, ó Hena!  
E eu disse: — Tua eu serei sim, Julyan!

*Apunhala-se e cae sobre o corpo de JULYAN, unindo o seu rosto ao do saldune. Curto silencio.*

SCENA V

OS MESMOS E MARGARIDA

MARGARIDA

*apparece no limiar da caverna,  
os braços estendidos, incerta, tacteando;  
chamando:*

Hena!

HENA, *debilmente:*

Julyan!

MARGARIDA

Hena... amanhece.

Ouço cantar a cotovia,  
O sol a minha carne aquece:  
E' dia!

Hena!

*Caminhando incertamente vai sobre os cadaverés; surpreendida:*

Que sinto?! alguem repousa...



*Agacha-se e põe-se a tactear passando a mão pelos mortos.*

Hena! responde... és tu? (*Surdamente:*) Senhor!

*Tocando o corpo de ARMEL:*

Um corpo frio como uma lousa!

*Com um grito:*

Foi Roma?

HENA, *flebilmente:*

Oh! não!...

MARGARIDA

*Com ancia, inclinando-se para ouvir:*

Quem foi?!

HENA, *com a voz quasi extincta:*

O amor!

*Expira.*

MARGARIDA

*Põe-se a tremar; os seus dentes rufam, os seus cabellos brancos desprendem-se e cobrem-lhe o busto; arquejando, sempre a passeiar as mãos sobre os cadáveres:*

Hena, responde! Hena... tem dó!

Fala: onde estás? eu tenho sêde!

Sou eu... tua mãe... sou eu quem pede.

Fala, responde, Hena: estou só!

*Tocando o cadaver da filha, desfazendo-lhe os cabellos:*

Hena, meu Deus! tão socegada!

São d'ella estes cabellos... (*Chamando:*) Hena!

Desperta! attende... Ah! não tens pena

De tua mãe desventurada?

Hena, meu Deus!

*N'um grande abatimento:*

Hesús... mais nada...

*Chorando:*

O' desgraçada Margarida!

O' Margarida desgraçada

Que ficas a fazer na vida?



*Com desespero:*

Hena! Ah! Senhor... e eu que suporte  
Tanto infortunio sem revolta...

*Depois d'uma pausa, n'um tom oracular:*

A Morte anda solta! A Morte anda solta...

*Levanta-se repentinamente como para seguir  
alguem:*

Vamos a ver se encontramos a Morte...

*Abanando os braços abaquetados á maneira  
d'azas desplumadas, como uma ave infeliz  
ensaiando inutilmente o vôo, põe-se a caminhar  
aos saltinhos, com um surdo arquejo, a physionomia demudada, as falripas  
soltas. De quando em quando detem-se,  
agita mollemente os braços e, de cabeça  
alta, afflicta, rolando os olhos apagados,  
repete, com voz cava, o verso:*

Vamos a ver se encontramos a Morte...

*Tropega, vacillante, perde-se á direita; momentos  
depois reaparece, sempre a mover os braços seccos e, parando um ins-*

*tante no meio da scena, abre desmedidamente a bocca, deixa escapar um gemido  
soturno e, resoluta, segue nos mesmos passos  
tremulos, aos saltinhos, redizendo o  
verso oracular:*

A Morte anda solta... A Morte anda solta...

*e some-se á direita á medida que o panno  
vem descendo.*



---

*Typographia da Companhia Nacional Editora*







DR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

(Da Academia Real das Sciencias)

## Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa

Comprehendendo 44.938 vocabulos não registados até agora pelos diccionarios mais completos, e um *Vocabulario Geographico*, contendo centenas de nomes que andam adulterados nos livros e mappas modernos, na linguagem escolar, etc.

Esta obra, que a imprensa portugûsa classifica de *monumental*, consta de 2 vol. de 1:800 paginas, solidamente encadernados, e o seu custo é de

Réis fracos 60.000

CARLOS DIAS

## FILHO DAS HERVAS

Romance genuinamente nacional e especialmente dedicado ás mães, o FILHO DAS HERVAS é incontestavelmente o mais notavel romance portugûes d'estes ultimos 20 annos.

De uma riqueza incomparavel de vocabulario, cheio de côr e de melodia, tem todas as qualidades para fazer vibrar, até ás mais altas notas do sentimento humano, todos os corações, especialmente os das Mães.

1 vol. de 500 paginas, 5.000

(A' venda em março)

LISBOA

T. CARDOSO & IRMÃO — EDITORES











